

**ANÁLISE DO SUCESSO/INSUCESSO DO ESTUDANTE SURDO NO CURSO
TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA DO IFPA – CASTANHAL**

**ANALYSIS OF THE DEAF STUDENT'S SUCCESS/ UNSUCCESS IN THE
TECHNICAL COURSE IN AGRICULTURE AND CATTLE RAISING OF IFPA –
CASTANHAL**

**ANÁLISIS DE ÉXITO/FRACASO DEL ESTUDIANTE SORDO EN EL CURSO
TÉCNICO EN AGROPECUARIA DEL IFPA – CASTANHAL**

SILVA, Antonia Leite da
IFPA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
antonia.leite@ifpa.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-1698-5409>

NEVES, Miranilde Oliveira
IFPA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
miranilde.oliveira@ifpa.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-4247-3060>

FRANÇA, Pablo Radamés Cabral de
IFPA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
pablo.radamé@ifpa.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-2591-8251>

RESUMO: O presente artigo descreve os resultados de uma pesquisa realizada com o objetivo de analisar os fatores que contribuíram para o sucesso/insucesso dos estudantes surdos matriculados no Curso Técnico em Agropecuária do Instituto Federal do Pará – *Campus* Castanhal. Optou-se, metodologicamente, pela abordagem qualitativa. O levantamento dos dados compreendeu revisão bibliográfica e aplicação de questionários com perguntas estruturadas e semiestruturadas direcionadas aos docentes, estudantes surdos e equipe de ensino. A análise dos dados ocorreu de forma descritiva e interpretativa. Os resultados demonstraram que as práticas de ensino para os estudantes surdos ocorrem aleatoriamente, sem direcionamento específico, o que evidenciou a necessidade de recursos e formações para assegurar a inclusão e o desenvolvimento dos educandos.

Palavras-chave: Educação de Surdos. Inclusão Educacional. Sucesso/Insucesso Escolar.

Abstract: This present article describes the results of a survey conducted with the objective of analyzing the factors that contributed to success/ unsuccess of deaf students enrolled in the Technical Course in Agriculture and cattle raising of the Federal Institute of Pará- Castanhal Campus. Methodologically, a qualitative approach was chosen. The data survey comprised a literature review and the application of questionnaires with structured and semi-structured questions directed at the teachers, deaf students and teaching staff. The data analysis was descriptive and interpretive. The results showed that teaching practices for deaf students occur randomly, without specific guidance, with highlighted the need for resources and training to ensure the inclusion and development of students.

Keywords: Deaf Education. Education Inclusion. School success/ unsuccess.

RESUMEN: Este artículo describe los resultados de una investigación hecha con el objetivo de analizar los factores que contribuyeron para el éxito/fracaso de los estudiantes sordos matriculados el Curso Técnico en Agropecuaria del Instituto Federal del Pará – *Campus* Castanhal. Se propone una metodología de abordaje cualitativa. El levantamiento de los datos se evidencian en revisión bibliográfico y aplicación de cuestionarios con preguntas estructuradas y semiestructuradas aplicadas a los docentes, estudiantes sordos y equipo de ensino. El análisis de los datos sucedió de modo descriptiva e interpretativa. Los resultados demostraron que las prácticas de ensino para los estudiantes sordos, ocurren de forma aleatoria, sin dirección específico, Lo que pudo evidenciar la necesidad de recursos y formaciones para asegurar la inclusión y desarrollo de los educandos.

Palabras-clave: Educación de sordos. Inclusión educacional. Éxito/Fracaso escolar.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma interface da pesquisa de mestrado profissional interdisciplinar desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Pará, na linha de Pesquisa Gestão de Empreendimentos Agroalimentares, subárea Educação. O estudo teve como foco a inclusão educacional do estudante surdo na Educação Profissional.

O desafio da educação na perspectiva inclusiva perpassa por fatores que extrapolam os limites da zona de conforto da maioria dos profissionais, seja pela fragilidade em suas formações ou pela insegurança do saber e aprender a fazer. Na Educação Profissional, as peculiaridades de formar cidadãos para o exercício de uma profissão exigem da escola uma postura que promova a aprendizagem e garanta o desenvolvimento do educando.

No âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Pará (IFPA), *Campus Castanhal*, a inclusão dos estudantes com deficiência é garantida desde a oferta, com vagas específicas para Pessoas com Deficiências (PCD), até a conclusão do curso. Entretanto, muitos desafios têm sido enfrentados pela instituição para assegurar a permanência, a adaptação e o êxito desses estudantes, em especial dos surdos. O curso Técnico em Agropecuária é um dos cursos que tem recebido esses estudantes e apresentado variadas dificuldades no desenvolvimento do processo formativo.

Percebe-se que, na maioria das vezes, o desempenho dos estudantes está atrelado às condições de acessibilidade linguística, metodológicas e atitudinais. Diante disso, sentiu-se a necessidade de fazer uma intervenção para que o processo de ensino-aprendizagem fosse significativo, inclusivo e assegurasse o sucesso educacional desses sujeitos.

Desse modo, a presente pesquisa, de abordagem qualitativa, teve como objeto de investigação a prática educativa desenvolvida com estudantes surdos no curso Técnico em Agropecuária do IFPA – *Campus Castanhal*, especificamente nas turmas das modalidades integrada, da Educação de Jovens e Adultos (Proeja) (de 2016) e subsequente (de 2019 e 2020). Havia um estudante surdo matriculado em cada uma das turmas, porém somente um conseguiu o êxito escolar.

Nessa perspectiva, buscou-se realizar um diagnóstico situacional dos resultados acadêmicos desses estudantes e analisar os fatores que contribuíram para o sucesso/insucesso no curso Técnico em Agropecuária, bem como identificar as metodologias e os direcionamentos adotados pelos docentes e pela instituição para garantir a inclusão e a aprendizagem desses estudantes. Assim, objetivou-se diagnosticar os principais fatores que contribuíram para o sucesso/insucesso dos estudantes surdos no Curso Técnico em Agropecuária do IFPA – *Campus Castanhal*, por meio da identificação das dificuldades enfrentadas pelos docentes e discentes no percurso formativo, bem como das estratégias de ensino que podem ser utilizadas no processo de inclusão e para o desempenho acadêmico positivo.

Para compreender os elementos da problemática e desenvolver uma reflexão a partir dos objetivos, o artigo ora apresentado partiu de uma revisão bibliográfica associada a métodos e técnicas para conhecer a realidade pesquisada, tais como:

pesquisa de campo com aplicação de questionários estruturados/semiestruturados aos docentes, aos estudantes surdos e à equipe que trabalha diretamente no acompanhamento das atividades de ensino do curso (coordenadores do curso, equipe pedagógica e membros do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas - NAPNE). Tais instrumentais teóricos e metodológicos permitiram a obtenção de informações para o alcance dos objetivos propostos.

Diante disso, o estudo identificou elementos implícitos e explícitos que demonstram as condições e as fragilidades da escola na articulação, promoção e execução da prática educativa inclusiva para os estudantes surdos, sobretudo a necessidade de se pensar em estratégias de curto, médio e longo prazo, para que as ações de inclusão se tornem permanentes, contínuas e favoreçam o engajamento coletivo. Além disso, os resultados da pesquisa proporcionaram a produção de um guia didático instrucional com orientações básicas, direcionadas para o atendimento, acolhimento e acompanhamento do estudante surdo, bem como para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem e inclusão.

1.1 Aspectos teóricos que caracterizam o sucesso /insucesso escolar

Ao falar em educação, deparamo-nos com um universo de conjunturas e propostas, como as práticas pedagógicas, os sistemas de ensino, as relações sociais, econômicas, culturais e as interações produzidas e reproduzidas neste contexto, que revelam estatísticas e justificam expectativas. Dentre as diversas situações que permeiam a educação, elementos relativos ao sucesso e ao insucesso dos estudantes são fortemente debatidos e analisados, porém cada escola e/ou comunidade apresenta resultados distintos.

A democratização do ensino revelou fatores positivos, em especial para as classes menos providas de recursos, mas também um nível preocupante de insucesso escolar, com destaque para as escolas situadas em áreas de vulnerabilidade social. As causas apontadas para o insucesso escolar incluem as desigualdades socioeconômicas, o fracasso escolar, que reflete, entre outros fatores, o abandono da escola em razão de interferências familiares, bem como as dificuldades que os sistemas de ensino apresentam. Essas causas são evidenciadas



nas relações com os diferentes atores sociais diretamente vinculados ao fenômeno (jovens, famílias, empresas, comunidades) (Benavente *et al.*, 1994).

Ao tratar de fatores como o sucesso escolar, é necessário pensar além de notas e/ou bons resultados das atividades e inter-relações comportamentais. Para além das atividades cotidianas, o estudante enfrenta vários desafios, que exercem influência em seu convívio social e, conseqüentemente, no desempenho escolar. Também é necessário observar que os resultados obtidos em determinado período podem ser diferenciados de outros. Nesse sentido, a escola, ao pensar nesses sujeitos como detentores de saberes, deve levar em consideração todo o seu contexto, a realidade em que vivem e as suas fragilidades na tentativa de se localizar em um ambiente, em muitos momentos, distinto do de suas origens.

Benavente (1990) destaca diversos termos que se relacionam com as causas que definem o insucesso escolar: “problema ou fenômeno, reprovação, atrasos, repetência, abandonos, desperdício, desadaptação, desinteresse, desmotivação, alienação e fracasso, êxito, sucesso, aproveitamento, rendimento e comportamento escolar” (Benavente, 1990, p. 721). Para além desses termos, naturalmente ligados à definição do insucesso escolar, é fundamental considerar ainda as motivações, os sentimentos e os fatores emocionais que afetam os estudantes no processo de ensino, como a violência, o desinteresse, a negligência e a agressão.

1.2 Inclusão escolar do estudante surdo

A inclusão do estudante com deficiência na escola perpassa por um processo de preparação com caminhos notoriamente inconstantes. As ações de organização e planejamento convergem para um pensar, por vezes, limitante diante dos desafios, que envolvem diversos fatores.

É fundamental, nesse processo, buscar a colaboração de todos os agentes envolvidos no contexto educacional. Outro fator importante é a definição dos papéis, das responsabilidades e das iniciativas para os vários componentes. A aproximação e participação ativa dos pais ou responsáveis é essencial para o desenvolvimento das ações e os processos de formação de políticas e tomadas de decisão.

A preparação contínua dos docentes, que visa ao estímulo das habilidades de aplicação dos métodos de ensino, potencializa e melhora os aspectos educacionais e sociais da inclusão. E não menos importante (ou o mais importante) é o papel da gestão escolar na coordenação e no estímulo ao trabalho colaborativo (Pacheco *et al.*, 2007).

Um olhar atento às especificidades direcionará condutas específicas para o atendimento do estudante com deficiência na escola. Assim, no tocante aos estudantes com surdez, entre outros tipos de deficiência, é importante, no contexto da escola regular, fazer adaptações curriculares que favoreçam e promovam a aprendizagem desses sujeitos. Desse modo, o uso da língua de sinais em uma proposta bilíngue é a abordagem que mais atende à condição do não acesso à língua oral por parte dos estudantes surdos.

No entanto, incluir vai além de receber, de garantir o acesso e a permanência na escola, pois é preciso também dar significado à presença, à interação e à aprendizagem desses estudantes. É primordial, nesse processo, a compreensão da pessoa como um ser capaz, com sua formação primária e suas construções culturais.

Logo, a inclusão do estudante surdo requer muito mais do que colocá-lo no meio da sociedade com a cultura oral; é fundamental que a inclusão seja realizada a partir da aceitação, por parte dos ouvintes, da sua condição diferente de perceber o mundo, a fim de que seja garantida a ele a possibilidade de crescer em uma cultura de interação com outros surdos, em uma relação materializada na língua de sinais (Skliar, 2013).

Nesse sentido, a inclusão da pessoa surda na escola regular requer propostas educacionais que contemplem seu modo de aprender, busquem recursos e facilitem a superação das barreiras de acessibilidade, de forma a considerar todos os espaços escolares. Mesmo que as ações desenvolvidas sejam, em sua maioria, direcionadas e pensadas para os estudantes em geral, precisam ter sentido para os estudantes surdos.



1.3 O docente no processo de inclusão

A prática inclusiva na sala de aula remete-nos à reflexão a respeito do papel do docente na promoção de estratégias e no desenvolvimento de ações diretas com os estudantes com deficiência. Nesse sentido, para que a inclusão aconteça de forma a beneficiar todos, o trabalho docente precisa estar alinhado e articulado com o planejamento escolar, em um movimento cooperativo.

O docente, responsável pela organização da sala de aula, tem o compromisso de orientar e conduzir os alunos durante o desenvolvimento das atividades, bem como estimular suas habilidades durante a construção da aprendizagem. Desse modo, é conveniente, nesse processo de inclusão, considerar as competências dos estudantes e não se deter às limitações, para que as intervenções possam proporcionar autonomia e valorizar o potencial individual e coletivo.

Na especificidade do estudante surdo, a construção da autonomia deve ser estimulada a partir de elementos visuoespaciais, que atendam às necessidades que lhes são próprias, haja vista que eles diferem dos ouvintes no que compete às condições cognitivas para a aprendizagem.

O docente é figura basilar nesse contexto educativo, enquanto os recursos e as infraestruturas a serem ofertadas para a melhoria no processo de inclusão são instrumentos necessários, contudo não suficientes para implementação dos processos educacionais (Gatti, 2016). Sabe-se que a adoção de novas práticas no cotidiano escolar não é tarefa fácil, muito menos imediata, especialmente no que diz respeito à inclusão, que requer novas práticas e mudanças, que vão além da sala de aula. Para tanto, a escola que busca a inclusão dos estudantes surdos, além do objetivo de oferecer iguais condições de aprendizado, precisa ofertar materiais de apoio pedagógico adequados e formações continuadas para o aperfeiçoamento de seus profissionais.

1.4 Fatores que influenciam no sucesso/insucesso do estudante surdo

Fatores de ordem econômica, cultural, social, biológica, ambiental, afetiva, emocional, psicológica e familiar podem estar diretamente relacionados com o

desempenho escolar dos estudantes surdos. É necessário destacar, no entanto, um elemento de referência ao se falar em inclusão: as barreiras atitudinais. No atendimento e acolhimento, a forma de agir, o comportamento individual do corpo docente, a gestão e toda comunidade escolar influenciam o desenvolvimento e a permanência do estudante com deficiência na escola.

Contudo, a inclusão educacional implica mudanças de paradigmas e, para os educadores, requer permitir-se ter a possibilidade de viver o desafio e criar possibilidades para construir novos aprendizados, cuja intenção seja a melhoria da qualidade do ensino. Como enfatiza Freire (2015), sendo ele um docente conscientemente “inacabado” e “aventureiro”, nada que experimentasse em sua vida profissional deveria ser necessariamente repetido, embora, por vezes, fosse inevitável que assim se desse. Mas, como um docente crítico, estava predisposto à mudança e à aceitação do diferente, num permanente movimento de busca. A predisposição à aceitação do novo é uma ação necessária para a condução das práticas educativas.

Nesse sentido, o docente, diante da possibilidade de apresentar uma diversidade de estratégias e intenções educacionais, deve considerar as características, a cultura, as situações envolvidas no contexto e, além disso, compreender que é necessário desafiar-se, propor, direcionar e, por vezes, comparar, isso porque cada estudante aprende de maneiras e com condições diferentes (Zabala, 1998).

A proposta curricular precisar ser condizente com as necessidades dos estudantes e, no processo de construção, envolver todos os sujeitos nas discussões, para que as sugestões do currículo contemplem os diferentes modos de aprendizagem desses sujeitos.

Fatores relativos a aspectos econômicos, sociais, físicos e mentais apresentam características que influenciam a aprendizagem e o desenvolvimento estudantil desde a infância, uma vez que as condições financeiras ou econômicas das famílias limitam ou possibilitam alguns cuidados e zelos diretamente implicados com a qualidade de vida, bem como com o acesso ou não a recursos e ferramentas que auxiliam a acessibilidade e o aprendizado. Os aspectos físicos e mentais estão relacionados às dificuldades de acessibilidade e às condições limitantes que



apresentam os estudantes surdos, principalmente quando a escola não está preparada para recebê-los. (Gomes, 2018).

A atuação do docente também é apontada por Gomes (2018) como fator que influencia a aprendizagem desses sujeitos, visto que é ele o responsável pela condução das atividades e estratégias das políticas pedagógicas da escola.

No tocante à educação de surdos, o uso com qualidade da língua brasileira de sinais (Libras) pelo docente ou o auxílio do intérprete de Libras devem ser prioridades, sem se desconsiderar, em uma sala de aula com estudantes ouvintes, a necessidade de uma estratégia pedagógica que privilegie o visual, uma vez que o estudante surdo adquire o conhecimento a partir do que vê. Há ainda outra questão preocupante: o processo avaliativo, no qual, na maioria das vezes, o docente exige a escrita em Língua Portuguesa, que comumente não é bem estruturada pelos surdos (Quadros; Perlin, 2007).

A família, por exemplo, tem um papel essencial nesse processo de construção da aprendizagem, visto que a participação ativa dos pais na escola facilita o conhecimento e minimiza as barreiras e as fragilidades do sistema de ensino. Outro importante instrumento que colabora para o desempenho escolar dos estudantes com deficiência é o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que tem a função de auxiliar o desenvolvimento do educando com momentos pedagógicos fora da sala de aula regular, no contraturno. Contudo, esse atendimento deve ser realizado, preferencialmente, por um profissional com pleno domínio do uso da Libras, que, além de auxiliar os discentes no uso língua, também conduza e colabore com o docente na apropriação dos sinais necessários para a realização das atividades escolares (Damázio, 2007).

Para Pacheco *et al.* (2007), os estudantes, principal foco do ensino, são corresponsáveis pelo processo de aprendizagem, tanto aqueles com deficiência quanto os sem deficiência, pois ambos aprendem juntos em um sistema colaborativo, enquanto as diferenças são valorizadas e vistas como oportunidades.

O sistema de ensino com abordagem inclusiva não apenas respeita as diferenças como apoia todos os meios de interação e socialização, valorizando a aprendizagem estruturada com menos formalidades. Entende-se que, quando todos estão envolvidos no projeto de incluir, acolher e aprender com as diversidades



respeitando os limites e potencial de cada um, todos ganham no processo de formação cidadã, educacional, social e cultural.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi desenvolvida a partir de um estudo de caso, evidenciado por meio da problemática do rendimento escolar dos estudantes surdos, visando à investigação e compreensão dos aspectos que envolvem os fenômenos atuais de interação e os fatores que contribuem para o sucesso ou insucesso educacional desses estudantes no Curso Técnico em Agropecuária do IFPA – Castanhal.

A presente investigação fundamentou-se em uma revisão bibliográfica de autores que dialogam sobre o tema e, por meio de uma abordagem de cunho qualitativo, buscou conhecer os aspectos relativos ao objeto de pesquisa, sua relação com o ambiente de estudo e os fatores motivacionais que contribuem para uma melhor interpretação na análise dos fatos. A abordagem qualitativa “[...] aborda aspectos da realidade relacionados ao universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” (Sakamoto; Silveira, 2014, p. 47), ou seja, permite obter informações mais próximas da realidade.

O processo de investigação contemplou a tipologia ‘pesquisa de campo’, que se justifica por buscar melhor conhecer os sujeitos da pesquisa. A entrevista foi o mecanismo utilizado durante a coleta dos dados para identificar, compreender e relacionar alguns elementos que influenciaram o sucesso/insucesso da formação profissional dos estudantes surdos.

Os participantes da pesquisa foram identificados e divididos em três categorias: docentes, estudantes surdos e equipe que trabalha diretamente no acompanhamento das atividades de ensino no curso (coordenador, NAPNE e equipe pedagógica). Foram identificados 27 docentes do curso que ministraram aulas em turmas com estudantes surdos, dos quais 22 contribuíram com a pesquisa, além de 3 estudantes surdos participantes (um formado, um desistente e um evadido) e 28 membros da equipe de ensino.

No que diz respeito à análise e discussão dos dados, optamos por uma análise descritiva e interpretativa, que nos permitiu, de forma sistemática, a

realização de inferências dos múltiplos conhecimentos, para a compreensão das interpretações controladas acerca das variáveis obtidas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da análise do nível de qualificação e experiência dos docentes em sala de aula, destaca-se que estes apresentam um elevado nível de títulos, sendo 13 doutores, 7 mestres e 2 especialistas, com uma média de exercício em sala de aula entre 10 e 36 anos. Os dados apontam que os docentes apresentam um expressivo domínio das atividades de ensino, no entanto não asseguram que suas metodologias contemplam os estudantes com deficiência, em especial os surdos.

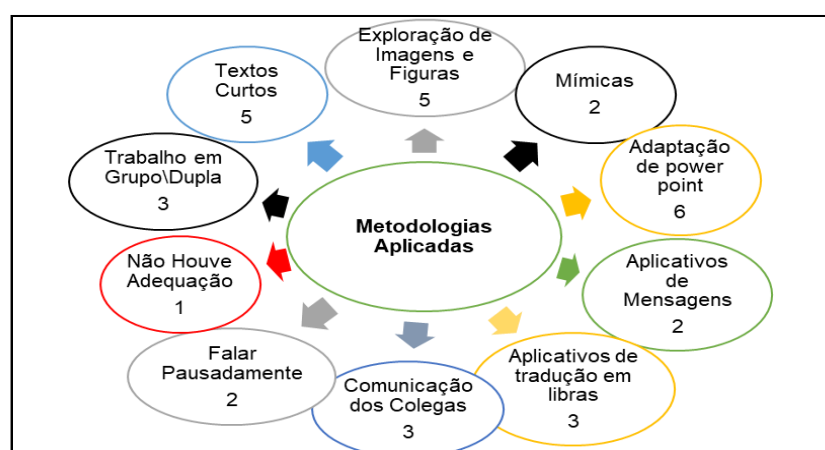
Para identificar as dificuldades dos docentes durante a organização e preparação das atividades de ensino na sala de aula regular com estudantes surdos, foi feita a seguinte pergunta: “Quais foram as principais dificuldades que você enfrentou durante a elaboração e execução das aulas teóricas e práticas?”. Foi possível identificar pontos em comum entre os docentes, como: dificuldades na comunicação/interação; falta de habilidade e conhecimento para adaptação de materiais; falta de preparo específico: formações, habilidade com a Libras, tempo disponível para adaptação de materiais e ausência de intérprete de Libras em sala de aula (fragilidade da instituição que interfere diretamente no trabalho docente e no processo de inclusão).

Sabe-se que o processo de inclusão e adaptação de metodologias é uma tarefa árdua para grande parte dos docentes, pois envolve questões como formação acadêmica, que, muitas vezes, não contempla a inclusão, especialmente quando se trata de formações que não se enquadram no campo da docência. Vilhalva (2004, p. 1) ressalta que “Alfabetizar discentes com culturas diferentes é um choque tanto para o docente ouvinte quanto para os discentes surdos, por não entender de imediato o complexo linguístico da língua um do outro”. Nesse sentido, compreende-se a importância de o docente ter conhecimentos básicos de Libras para a comunicação básica com o discente, bem como auxílio de intérprete no processo de exposição dos conteúdos.



Em continuidade à pesquisa, buscou-se identificar quais métodos/estratégias foram utilizados(as) pelos docentes para garantir a aprendizagem de sua disciplina. Para isso foi formulada a seguinte pergunta: “Quais metodologias e recursos didáticos foram utilizados para promover a aprendizagem da disciplina para o estudante surdo?”. Para essa pergunta, destacam-se as respostas na Figura 1:

Figura 1 – Respostas docentes: metodologias utilizadas com estudantes surdos



Fonte: elaborada pelos autores (2022).

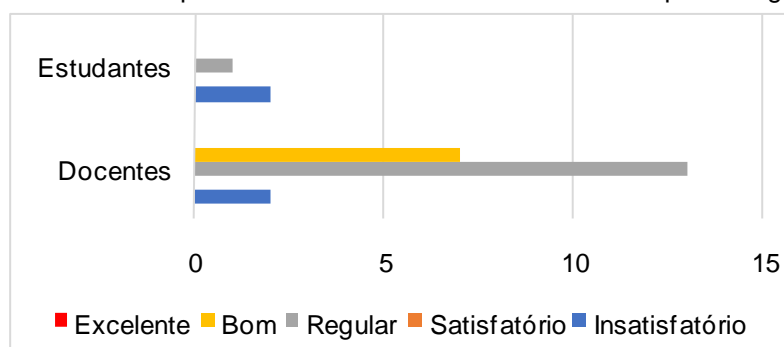
Nota-se que os docentes, conforme o conhecimento que dispunham sobre o assunto, buscaram adaptar seus materiais e atividades durante o planejamento e execução em sala de aula. Verifica-se que eles se apropriaram de mais de uma estratégia, visando à qualidade do ensino, como: uso de adaptação de *power point*, trabalho em dupla e exploração de imagens e figuras. Destaca-se ainda a resposta de um participante, segundo o qual não foi possível pensar em uma metodologia que atendesse ao estudante, pois não tinha conhecimento que havia aluno surdo na sala de aula. A afirmação do docente demonstra uma falha na comunicação entre direção e comunidade acadêmica, que também se justifica pelo fato de o NAPNE ter ficado desativado nos anos 2016 e 2017 (período em que um aluno surdo ficou na instituição até desistir do curso). Abre-se um espaço para outra reflexão: até que ponto o docente se permite conhecer os estudantes em sala de aula, sejam eles com ou sem deficiência? Essa indagação se faz necessária, uma vez que o estudante surdo da turma de 2016 levou 18 meses até desistir, e o docente não percebeu sua especificidade linguística.



Segundo Freire (1997, p. 53), “Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impõe: sem isso não temos acesso à maneira como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem”. Ou seja, ter momentos de diálogos para além do conteúdo também é uma forma válida de construir conhecimento.

Nesse sentido, buscou-se conhecer como os docentes e estudantes classificam o nível de aprendizado obtido nas disciplinas do curso tendo em conta as metodologias aplicadas em sala de aula. Foram disponibilizadas as seguintes opções de resposta: ‘excelente’, ‘bom’, ‘regular’, ‘satisfatório’ e ‘insatisfatório’. As respostas estão reunidas no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Respostas docentes e estudantes: nível de aprendizagem



Fonte: elaborado pelos autores (2022).

O Gráfico 1 contém a classificação da aprendizagem dos estudantes surdos de acordo com a percepção dos docentes e estudantes. Enquanto 12 dos 22 docentes participantes da pesquisa consideram o aprendizado ‘regular’, outros 7 o classificam como ‘bom’, e 2 como ‘insatisfatório’. Isso sugere que os esforços e métodos foram insuficientes para atingir um bom êxito no processo de aprendizagem. Por outro lado, os estudantes surdos classificaram seu nível de aprendizado no curso como ‘insatisfatório’ ou ‘regular’, o que contradiz a afirmação de parte dos docentes, que consideraram o aprendizado ‘satisfatório’.

Os docentes ainda apontaram os elementos que, em sua avaliação, estão diretamente relacionados com a classificação do Gráfico 1. Ou seja, ao classificar o aprendizado como ‘regular’, atribuem o fato à falta de comunicação/interação, ao não preparo com ferramentas pedagógicas e à ausência de intérprete de Libras. Os



que consideraram o aprendizado ‘bom’ apontam o interesse/esforço do estudante e a presença do intérprete de Libras; e os docentes que julgaram o resultado ‘insatisfatório’ apontam a falta de interesse do estudante, a pandemia (pois houve a desistência do estudante), a ausência de estratégias pedagógicas e de intérprete de Libras, além do não conhecimento da presença do estudante surdo em sala de aula.

Nessa perspectiva, Ribeiro e Silva (2016) expõem algumas implicações da inclusão educacional de pessoas surdas que valorize a condição linguística do estudante – as particularidades da educação que demandam organização curricular e estrutural de uma educação bilíngue. Alertam para a importância do intérprete de Libras na mediação entre os sujeitos ouvintes e surdos, porém, sozinho, o profissional não é capaz de assegurar a inclusão e aprendizagem desses sujeitos. Apontam ainda a necessidade de entender a educação de surdos para além do acesso à Libras, a fim de que outros aspectos também sejam considerados na organização do trabalho escolar, como: estratégias pedagógicas que favoreçam a especificidade visuogestual, a valorização, o respeito e a promoção da cultura surda nos espaços escolares.

Entende-se a importância do profissional intérprete para a promoção da inclusão da pessoa surda. No entanto, com o objetivo de conhecer a visão dos docentes quanto ao papel e à presença do intérprete de Libras em sala de aula, foi feito o seguinte questionamento: “A presença de um intérprete de Libras em sala de aula foi suficiente para garantir a inclusão?”. Neste quesito, observam-se importantes informações em relação ao contexto do ensino para pessoas surdas no *Campus* estudado: 12 docentes compreendem que o auxílio do profissional em sala de aula não garante a inclusão do estudante, enquanto outros 10 docentes acreditam que a presença do intérprete é o suficiente para que as ações inclusivas sejam efetivadas. Sobre esse assunto, Lacerda (2010) menciona que a presença do intérprete em sala de aula não assegura que as questões metodológicas serão consideradas e pode até mascarar uma inclusão que exclui. Certamente, a falta de conhecimento acerca dos elementos básicos que permeiam a inclusão da pessoa surda pode levar a considerações equivocadas em relação ao processo de inclusão desses sujeitos, e a formação continuada dos docentes pode ser utilizada como uma estratégia para minimizar os impactos da fragilidade metodológica.

No âmbito do IFPA – *Campus* Castanhal, as estratégias de ensino são pensadas e estruturadas pela equipe de ensino, que é composta pela Diretoria, juntamente com a equipe pedagógica, o NAPNE e os coordenadores dos cursos. Desse modo, todos são corresponsáveis pela promoção, a articulação e o desenvolvimento de ações que contribuam para a inclusão dos estudantes com deficiência. Por essa razão, os docentes participantes da pesquisa foram indagados sobre como percebem a atuação da equipe pedagógica e do NAPNE, que são os dois grupos responsáveis por acompanhar diretamente o ensino, de acordo com as seguintes opções: ‘insatisfatório’, ‘regular’, ‘bom’, ‘satisfatório’ e ‘excelente’.

Quanto às ações e ao acompanhamento da equipe pedagógica no que se refere às ações para o processo de inclusão educacional, 9 docentes avaliaram o trabalho como ‘bom’, 8 o classificaram como ‘regular’, e 5 como ‘insatisfatório’. Nesse quesito, os docentes consideram todo o trabalho de acompanhamento, organização do espaço escolar (acessibilidade) e orientação. Para tanto, mencionam suas visões sobre esse trabalho, com destaque para a fala dos seguintes docentes. DBTCA III afirmou: “*Não tive auxílio para o trabalho ou adaptação pedagógica para atuar com tal especificidade*”, ao passo que o DBTCA XXII destacou a “[...] *pouca participação e/ou ausência da equipe no acompanhamento, deixando tudo a cargo do NAPNE, além da ausência de informações sobre o estudante*”. Percebe-se, nas afirmações dos docentes, que a equipe pedagógica não apresenta ações consistentes, que influenciem de fato o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com deficiência.

Quanto às atividades desenvolvidas pelo NAPNE, os docentes identificam propostas mais consistentes e dinâmicas, uma vez que 10 docentes avaliaram as ações do núcleo como ‘boas’, 6 as consideraram ‘regulares’, e 6 ‘satisfatórias’. No entanto, embora o NAPNE desenvolva dentro do *Campus* atividades que fortalecem a inclusão educacional, muitas fragilidades ainda são perceptíveis e foram apontadas pelos docentes. Segundo DBTCA VII, “*Creio que necessite de profissionais para além do espírito colaborativo, mas também que tenham habilitação técnica*”. De fato, o apoio de profissionais qualificados para organizar e estruturar as ações de inclusão é uma necessidade urgente, bem como a estrutura e

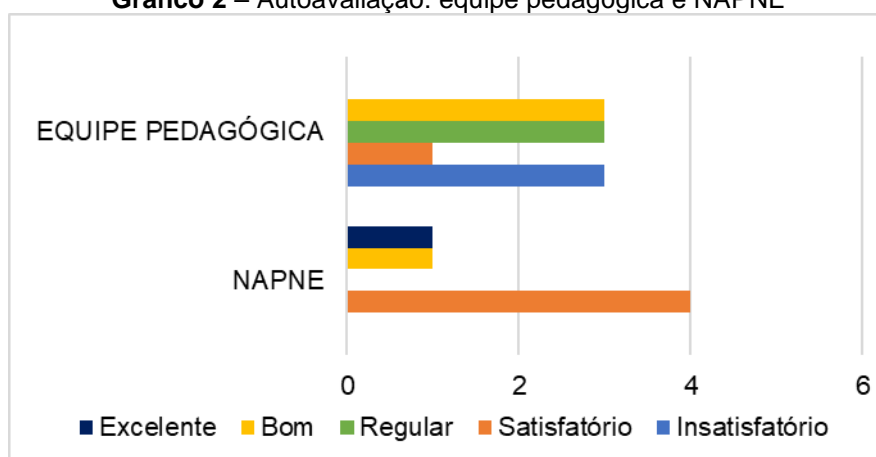


os recursos para atender às diferentes necessidades. Porém não é possível fazer a inclusão centralizada em poucos profissionais, especialmente dentro da escola.

Desse modo, é de extrema importância que, no contexto educacional, todos os agentes da comunidade escolar estejam envolvidos nesse processo, que entendam a inclusão como necessária, “[...] primordialmente para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras” (Mantoan, 2003, p. 30). Faz-se necessária a compreensão de que a inclusão não é responsabilidade de um setor, núcleo ou órgão; enquanto membros de uma sociedade civil e profissionais da educação, é dever de todos colaborar com a inclusão da pessoa com deficiência, assim como estimular o respeito no âmbito da escola.

Seguindo essa mesma lógica, foi oportunizado à equipe pedagógica e aos membros do NAPNE a chance de autoavaliar suas ações referentes à inclusão dos estudantes com deficiências. Para tanto, foram disponibilizadas as seguintes opções de respostas: ‘excelente’, ‘bom’, ‘regular’, ‘satisfatório’ e ‘insatisfatório’. O Gráfico 2 apresenta os resultados:

Gráfico 2 – Autoavaliação: equipe pedagógica e NAPNE



Fonte: elaborado pelos autores (2022).

Observa-se, no Gráfico 2, que a autoavaliação realizada pelos membros da equipe pedagógica considera a própria atuação como ‘insatisfatória’ ou ‘regular’, visto que 3 participantes a consideraram ‘insatisfatória’, e 3 ‘regular’. Outros 3 consideraram-na ‘boa’, e um ‘satisfatória’. Isso implica dizer que a comissão não

apresenta desempenho consistente neste aspecto e que o envolvimento com a inclusão está aquém da necessidade dos estudantes e/ou instituição. Destaca-se, neste quesito, a fala do participante MEMEP IX: “[...] *desconheço uma ação específica da equipe junto aos alunos especiais*”. Nota-se que, na realidade, a atuação da equipe é considerada tímida, condição já observada pelos docentes. Quanto à autoavaliação do NAPNE, conforme Gráfico 2, a maioria dos membros considera as ações desempenhadas pelo Núcleo ‘satisfatórias’. Isso significa que os membros têm conhecimento dos movimentos estruturantes desenvolvidos para melhorar as condições de acesso, permanência e êxito dos estudantes com deficiência. Entretanto, o participante MEMNA V acrescentou: “*O NAPNE trabalha com as ferramentas que tem no momento*”. Pelas falas, observa-se que, apesar do compromisso do Núcleo com um ambiente educativo e com práticas de ensino que visam contemplar os estudantes com deficiência, é evidente a necessidade de políticas públicas mais consistentes no âmbito dos Institutos Federais.

No artifício da inclusão educacional, um dos maiores agentes da resistência é a preparação do corpo docente, pois a falta de formação para atuar com os estudantes com deficiência também provoca insegurança. Com o objetivo de verificar o nível de preparação dos docentes do *Campus Castanhal* para atuar com estudantes com surdez, foi formulada a seguinte pergunta: “Você participou de formação ou capacitação para trabalhar com estudantes surdos(as) durante o período em que estava ministrando aulas?”

Dos docentes entrevistados, 20 afirmaram que não tinham quaisquer habilitações para lecionar para esse público, e apenas 2 docentes já haviam participado de capacitações nessa área. Da mesma forma, os coordenadores do curso afirmaram não ter recebido qualificação e/ou capacitação para atender estudantes com surdez. O participante COOCTA I destacou: “*Não houve transição documental ou troca de experiências que fizessem referência ao atendimento de estudantes surdos. Há falta de engajamento de docentes no atendimento a esses discentes*”. Evidencia-se, na fala do coordenador, a necessidade de uma política sólida e clara, para que as atividades não sofram descontinuidade na mudança de gestão. Sobre essas constantes modificações nos trabalhos, nas propostas e nas políticas públicas, Saviani (2008) destaca que esse vaivém de gestão pode provocar



a desconstrução de políticas pensadas, instrumentalizadas, desenvolvidas e, por vezes, eficazes para determinados públicos. Com isso, é de extrema importância que as ações sejam planejadas e pensadas com o objetivo de atender às necessidades da sociedade.

Guebert (2007) considera três elementos fundamentais para que a escola tenha um bom desempenho na inclusão educacional: o envolvimento de toda a comunidade, a formação profissional e as adaptações curriculares. Para isso, é importante que a escola proporcione um sistema de ensino diferenciado, que contemple todos, sem restrições, e priorize a formação continuada dos docentes, com o intuito de lhes dar condições para a realização de um trabalho que valorize a aprendizagem, considerando os aspectos limitantes, bem como as questões sociais e emocionais que impedem uma resposta de curto prazo. Além disso, a escola deve apresentar as informações necessárias para subsidiar a prática pedagógica com foco no estudante.

Observa-se que muitos são os fatores envolvidos no desempenho acadêmico dos estudantes. Quando se trata de estudantes com necessidades específicas, os desafios são ainda mais intensificados, uma vez que este público necessita de acessibilidade e, no que tange aos estudantes surdos, de acessibilidade linguística, do trabalho com os aspectos culturais associados Libras e de metodologias para práticas de ensino (Lacerda; Santos, 2013). Nesse sentido, os participantes da pesquisa destacaram alguns pontos que influenciaram os resultados acadêmicos dos estudantes surdos no curso Técnico em Agropecuária, conforme destacados no Quadro 1, abaixo:

Quadro 1 – Fatores que contribuíram para o sucesso/insucesso do estudante surdo

Sucesso	Insucesso
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Empatia dos docentes; ➤ Envolvimento da família; ➤ Interesse do(a) estudante; ➤ Dedicção do NAPNE; ➤ Utilização por parte de alguns docentes de metodologias acessíveis. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ A acessibilidade linguística; ➤ Ausência do Intérprete de Libras; ➤ Falta de adequação metodológica; ➤ Desconhecimento da presença e da realidade educacional do estudante; ➤ Dificuldade para atender as condições de aprendizagem do estudante; ➤ Falta de capacitação; ➤ Necessidade de acompanhamento pedagógico.

Fonte: produzido pelos autores (2022).

Os fatores indicados no Quadro 1 foram apresentados pelos participantes da pesquisa como elementos diretamente relacionados à aprendizagem, ao sucesso e insucesso dos estudantes surdos, e abrangem o contexto escolar, familiar, econômico, social e cultural, entre outros aspectos. Quando as condições para a aquisição do conhecimento não são consideradas, os direitos dos estudantes não são atendidos e estes não conseguem alcançar um nível de conhecimento adequado para prosseguirem nos estudos. No que se refere à escola, para introduzir os aspectos que convergem com a inclusão, a preparação da acessibilidade estrutural e pedagógica requer um olhar específico. Para Ropoli (2010), a escola inclusiva deve promover ações articuladas com toda a comunidade escolar, para beneficiar o estudante e trazer melhorias para a qualidade do ensino.

Segundo Lacerda e Santos (2013), para que a escola possibilite aos estudantes surdos um aproveitamento satisfatório, é importante que considere que esses sujeitos são detentores de saberes específicos, com uma história compreendida em uma lógica cotidiana que experimenta outras condições de percepção. Sob esse viés, a diversidade linguística deve ser entendida como um quesito para a apropriação de novas ferramentas na oferta de educação e a valorização das potencialidades do aluno surdo. Sobretudo, a Libras é elemento fundamental em todo o processo de inclusão, além de permitir o entendimento sobre as formas de organização social das comunidades surdas, que dão sentido às suas percepções de mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender que ensinar vai além de repassar conteúdos e que a adoção das metodologias precisa estar atrelada às condições dos estudantes são posturas que revelam, cada vez mais, o quanto essas reflexões são fundamentais para o desenvolvimento das pessoas com necessidades específicas. Lidar com o estudante surdo em sala de aula regular, em cursos técnicos, torna-se uma ação complexa diante dos desafios da formação para o exercício da profissão docente, principalmente devido à ausência de profissionais com formação e/ou capacitação específicas para atuação nesse contexto educacional.



Com o objetivo de investigar os fatores que contribuíram para o sucesso/insucesso dos estudantes surdos no Curso Técnico em Agropecuária do IFPA *Campus* Castanhal, a pesquisa foi norteada por autores que dialogam sobre o assunto, com o propósito de contribuir para a melhoria das condições da educação ofertada a esses sujeitos e produzir considerações acadêmicas pertinentes e significativas no âmbito da escola de Educação Profissional. Desse modo, buscou-se estabelecer uma reflexão baseada nos agentes que participam ativamente do processo educacional dos estudantes surdos matriculados no *Campus*.

A partir das análises, foi possível verificar as fragilidades que a escola apresenta quando se trata do ensino às pessoas surdas, pois, além da ausência dos recursos necessários para a garantia da inclusão, como a indisponibilidade do Intérprete de Libras, a comunidade acadêmica interna não comunga do mesmo propósito, evidenciando que o NAPNE desenvolve um trabalho limitante e, por vezes, solitário, o que deixa explícita a necessidade do envolvimento dos membros da comunidade, para que as ações de inclusão sejam mais efetivas e permanentes.

Evidenciou-se que as metodologias usadas pelos docentes não foram suficientemente capazes de atender aos parâmetros de aprendizagem para o exercício da profissão, visto que os participantes avaliaram como regular o conhecimento adquirido pelos estudantes durante o curso. Com isso, observa-se que as práticas educativas realizadas em sala de aula foram pontuais e pouco significativas, pois não produziram efeitos capazes de assegurar a inclusão e garantir o sucesso e a permanência desses estudantes nos cursos.

Nota-se também a grande necessidade de estimular o envolvimento dos agentes da escola, bem como de promover formações e capacitações continuadas para os docentes, já que suas formações não contemplaram as especificidades da educação inclusiva.

É importante destacar o quanto é necessário o docente buscar conhecer a turma e o curso em que está ministrando aula, para ter condições de ofertar estratégias condizentes com a formação profissional e cidadã de todos. Ficou claro também que, quando o docente desconsidera a presença do estudante em sala de aula, provoca efeitos, por vezes, irreversíveis, como a evasão e a desistência, caso ocorrido com dois dos estudantes e evidenciado nas atitudes do docente, pois não



havia intérprete dentro de sala, mas o docente repassava até mesmo as atividades avaliativas de forma oral, além do fato de, depois de passados 18 meses, um dos docentes não identificar o estudante surdo na turma.

Conforme observado nos depoimentos, o NAPNE, principal agente na articulação do ensino inclusivo no *Campus*, apresentou condições satisfatórias para a inclusão, segundo a avaliação do público pesquisado, mesmo que o índice de evasão e desistência ainda persista. Por conseguinte, como parte essencial da condução das atividades de ensino e aprendizagem, a pesquisa apontou que a equipe pedagógica não apresenta atuação ativa para as propostas da inclusão. Acredita-se não ser possível avançar com os preceitos da inclusão caso não haja envolvimento por parte daqueles que planejam e pensam a educação. Nos depoimentos da equipe, externa-se a necessidade de se repensar nas estratégias desenvolvidas pela comissão, uma vez que a própria equipe avalia sua atuação como 'regular' ou 'insatisfatória'.

Muitas são as percepções que definem os modos de fazer a inclusão. Certamente não existe receita pronta para cada tipo de deficiência, pois os processos e experiências conduzem para ações mais desejáveis, que atendam cada estudante. Aprendemos à medida que somos desafiados a buscar conhecer algo novo. As presenças, os sucessos e os fracassos dos estudantes com deficiência em salas regulares de ensino podem ser o instrumento que embasará métodos para a educação de todos os estudantes.

Dados dos autores

ANTONIA LEITE DA SILVA

Mestra em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA. Atualmente é Técnica em Assuntos Educacionais, efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Tem experiência em Gestão Pedagógica e Inclusão educacional.

MIRANILDE OLIVEIRA NEVES

Doutora em Educação e professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - Campus Castanhal, ministrando aulas nos ensinos básico, técnico, tecnológico e na pós-graduação lato e stricto sensu.



PABLO RADAMÉS CABRAL DE FRANÇA

Doutor em Agronomia na área de Agricultura Tropical, com linha de pesquisa em Ciência e Tecnologia de Sementes, Biologia e Fisiologia Pós-Colheita, pela mesma instituição. Atualmente é Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Pará campus Castanhal e exerce também a função de Diretor de Pesquisa, Pós-Graduação, Inovação e Extensão do IFPA Castanhal.

REFERÊNCIAS

BENAVENTE, A. *et al. Renunciar à escola: o abandono escolar no ensino básico*. Lisboa: Fim do século, 1994.

BENAVENTE, A. Insucesso escolar no contexto português: abordagens, concepções e políticas. *Análise Social*, [S. l.], v. 15, n. 4-5, p. 715-733, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223034893G8cGD1nd2Zt45QL6.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2023.

DAMÁZIO, M. F. M. *Atendimento Educacional Especializado: pessoa com surdez*. São Paulo: MEC/SEESP, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_da.pdf. Acesso em: 10 jul. 2021.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GATTI, B. A. *Formação de Professores: Condições e Problemas Atuais*. *Revista Internacional de Formação de Professores*, Itapetininga, v. 1, n. 2, p. 161-171, 2016. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/RIFP/article/view/347>. Acesso em: 2 nov. 2021.

GOMES, M. M. Fatores que facilitam e dificultam a aprendizagem. *Revista de Educação Pública*, [S. l.], 17 jul. 2018. <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/14/fatores-que-facilitam-e-dificultam-a-aprendizagem>. Acesso em: 13 set. 2021.

GUEBERT, M. C. C. *Inclusão: uma realidade em discussão*. 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2007.

LACERDA, C. B. F. de. Tradutores e intérprete de Língua de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v.36, p.13-153, 2010. Disponível em: <http://projetoredes.org/wp/wp-content/uploads/Lacerda.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

LACERDA, C. B. F de; SANTOS, L. F. *Tenho um aluno surdo. E, agora?* Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFScar, 2013.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão Escolar. O que é? Por que? Como fazer.* São Paulo: Moderna, 2003.

PACHECO, J. *et al. Caminhos para inclusão: um guia para aprimoramento da equipe escolar.* Porto Alegre: Artmed, 2007.

QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (org.). *Estudos de Surdos II.* Petrópolis: Arara Azul, 2007.

RIBEIRO, C. B.; SILVA, D. N. Trajetórias escolares de surdos: entre práticas e processos de desenvolvimento bicultural. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 33, n. 99, p. 1-8, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/tD7RzhsB8c4V4LMyBLmy5py/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2021.

ROPOLI, E. A. *et al. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva.* Brasília: MEC, 2010.

SAKAMOTO, C. K.; SILVEIRA, I. O. *Como fazer projetos de iniciação científica.* 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

SAVIANI, D. Política educacional brasileira: limites e perspectiva. *Revista de Educação*, Campinas, n. 24, p. 7-16, jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/108/96>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SKLIAR, C. (org.). *Educação & Exclusão: abordagens socioantropológicas em educação especial.* 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

VILHALVA, S. *Despertar do Silêncio.* Petrópolis: Araras Azul, 2004. (Coleção Cultura e diversidade).

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar.* Porto Alegre: Artmed, 1998.

Submetido em: 15/02/2023.

Aceito em: 03/06/2024.